



CORECON ^{RS}

CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA

Economia em Dia

O labirinto grego

Leandro Antonio de Lemos

Corecon/RS Nº 4667

Economista

Por que a Grécia chegou à atual situação de desequilíbrio fiscal e de recrudescimento da dívida pública?

Se analisarmos os últimos 15 anos, sobretudo, vemos que a Grécia gastou bem mais do que sua capacidade, endividou-se de forma radical e ficou refém da volatilidade dos mercados financeiros. Com o advento da crise de 2007-2008, sua vulnerabilidade estava exposta e sua crise interna se tornou um labirinto sem saídas, como o labirinto de Cnossos em Creta, composto por milhares de caminhos que se cruzam em complexas encruzilhadas, ruas sem saída, trechos com abismos, rios intransponíveis, penhascos, portas trancadas sem chaves, mas com o céu por cobertura? Representando, ao mesmo tempo, um cárcere e a liberdade celeste. Nesse período, os gastos públicos foram às alturas, e os salários do funcionalismo praticamente dobraram. Enquanto os cofres públicos eram esvaziados pelos gastos, a receita era atingida pela evasão de impostos.

Quais são as consequências de um default da Grécia?

Particularmente, não acredito na ruptura. No entanto, a recuperação da Grécia também é improvável nos próximos cinco anos. Não há capacidade política para uma recuperação. O risco maior está numa aproximação com a Rússia como âncora econômica. Essa talvez seja uma carta política na manga que ameaça os atuais parceiros. É uma negociação imperiosa para o êxito da Zona do Euro, para a supremacia política da Alemanha. Um default significaria uma instabilidade que contaminaria mercados globais e provocaria migrações massivas de capitais em favor dos EUA.



A Grécia perde mais adequando-se aos ajustes impostos pela “troika” ou saindo da Zona do Euro?

Esse é um bom dilema “tipo prisioneiro” apropriado para a Teoria dos Jogos. Para a Grécia – segundo as pesquisas com seus cidadãos – é melhor permanecer na Zona do Euro, as correções são negociáveis e ainda há espaço para mudanças. O prêmio da permanência, no entanto, tem custos políticos que o atual governo terá muitas dificuldades de cobrir. No tabuleiro do jogo, estão muitos interesses envolvidos. Apesar de parecer cooperativo, não é uma negociação ganha-ganha. Particularmente, entendo que haverá um novo acordo agora, com metas negociadas que pareça rígido o suficiente para acalmar os mercados, e, ao mesmo tempo, politicamente capitalizável para o governo Grego. No entanto, em breve teremos novos capítulos da tragédia grega, pois não conseguirá cumprir essas metas.

Caso a Grécia efetivamente saia da Zona do Euro, quais as consequências econômicas para a União Monetária e o próprio euro?

Apesar de a Grécia ter um PIB pouco significativo para o mundo, o que está por trás é um game muitas vezes maior. É uma disputa de supremacia entre as moedas e temos que contextualizar a diplomacia econômica de forma mais ampla. Desde a crise de 2007-2008, há um consenso de que uma nova organização financeira global é necessária. No entanto, nenhuma liderança consegue levar a consenso uma proposta convincente. Há o dólar, o euro, as moedas emergentes, as mega reservas chinesas. Portanto, existem interessados no fracasso do euro. Este fracasso pode significar um ganho global para os blocos que sustentam o dólar como moeda de curso internacional, sendo assim positivo para o mundo. No entanto, o enfraquecimento e uma continuada depreciação do euro pode ser muito prejudicial para os países da Zona do Euro e para emergentes, como o Brasil, via queda de exportações. É preciso ficar atento, pois pequenas mudanças podem ocasionar grandes consequências.

***Seja qual for seu motivo,
faça um mundo com mais Economia.***

imprensa@coreconrs.org.br